



UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA: REFLETINDO A ESCOLA¹
A LOOK ON VIOLENCE: REFLECTING ABOUT THE SCHOOL

Cinara Dalla Costa Velasquez,²
Jorge Luiz da Cunha,³

RESUMO: Através deste trabalho pretendemos introduzir algumas notas reflexivas acerca da violência e suas relações estabelecidas entre a sociedade e a instituição escolar. É necessário, a cada dia, repensarmos as práticas educativas, que se constroem sob a tensão e o conflito gerados pelas diferentes formas que a violência se manifesta entre os sujeitos da educação e da sociedade. É pertinente destacarmos que a sociedade, a qual vivemos, enfrenta crises em suas novas morfologias sociais e essas, também, atingem a instituição escolar, seus sujeitos e as relações implicadas entre ambos, principalmente, as relações interpessoais que se referem aos educadores/as e aos educandos/as. Para tanto, repensar a escola, a violência e a sociedade em seus meandros fica como alerta para a reconstrução de possíveis caminhos para a humanização da escola e da sociedade, da qual todos somos sujeitos autores/as, possibilidades que poderão atenuar práticas conflitivas, que se mostram latentes no cotidiano, reveladas a todo o momento, pelas diferentes mídias em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Escola; Sociedade.

ABSTRACT: Through this work we want to make some reflexive notes about violence and its relationship between the company and school. It is necessary, day after day, rethinking the educational practices that are built on the tension and the conflict that is generated by the different ways that violence manifests itself among the subjects of education and society. It is relevant to highlight that the society, which we live, is facing crises in their new social morphologies and the new social morphologies reach the school, their subjects and the relationships involved between them, especially the interpersonal relationships between the educators and the learners. To do so, rethink the school, violence and society in its midst became an alert to the reconstruction of possible ways for the humanization of the school and the society, of which we are all subject authors, opportunities that can attenuate conflicting practices, these opportunities show latent in the daily routine, disclosed at any time, by various media in our society.

KEY WORDS: Violence; School; Society.

¹ O presente texto resulta de estudos desenvolvidos no Seminário Temático da Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas – disciplina Escola: Conflitos e Violências, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria – PPGE/UFSM, no período do II Semestre do ano de 2008, disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha e Profa. Dra. Lúcia Saete Celich Dani.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Especialista em História, Cultura, Memória e Patrimônio pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões URI – Campus Santiago-RS, licenciada em História –URI- Campus Santiago. E-mail: cinaravelasquez@gmail.com.

³ Prof. Dr. phil – Departamento de Fundamentos da Educação – FUE - do Centro de Educação – CE da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: jl Cunha@smail.ufsm.br.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este trabalho pretende discorrer algumas notas que se referem à escola, enquanto instituição social e educativa e suas implicações para com a sociedade no tocante à violência, em seus aspectos complexos que o conceito traz em si.

Quando falamos em escola, logo pensamos em um espaço acolhedor, seguro, lugar em que confiamos à educação e a formação de meninos e meninas. Essa foi, por muito tempo, uma forma que significamos o espaço escolar institucional.

Atribuímos à escola a tarefa da formação dos sujeitos, dando-lhes condições de construírem-se dignamente, livres e autônomos. É relevante que pensemos a escola, assim como outros espaços de socialização, como instituições que enfrentam crises paradigmáticas.

A sociedade contemporânea traz novas morfologias sociais e com elas novas relações interpessoais. A escola não foge a essa metamorfose, cabendo-lhe uma profunda reflexão em seus objetivos educacionais e formativos do sujeito da educação.

Quando nos referimos à violência no espaço das escolas, assombram-nos as notícias divulgadas pela mídia. São muitos os exemplos que circulam em jornais, revistas, web e tantas outras mídias, relacionando a escola e a violência.

É necessário que perguntemos por que essas práticas crescem e tornam-se habituais e aos poucos naturalizadas. Caminhos perigosos e desafiadores para os que estão engajados com projetos de educação voltados para as possibilidades da construção humana, com o propósito de fazer da escola um espaço possível de humanização.

Quando pensamos a sociedade atual, logo o nosso compromisso é dizermos de onde estamos falando. É dessa sociedade, que a escola, seus meninos e suas meninas formam-se, constroem-se homens e mulheres. Sujeitos de seu tempo e de seus espaços.

Somos sujeitos de um tempo em que o cenário cultural no qual estamos inscritos, apresenta-nos outros espaços. Como argumenta BAUMAN (2003), vivemos um tempo caracterizado pela efemeridade, pelo descartável, pelo transitório, onde nossas identidades sofrem processos de flutuação constante.

Dessa forma, a fluidez, a que se refere BAUMAN (2003), acerca da sociedade contemporânea é pertinente para repensarmos de onde vem nossos meninos e nossas meninas. A “modernidade líquida”, apresentada por BAUMAN (2003), faz com que repensemos a condição

da vida dentro do espaço contemporâneo, no qual estamos submersos, metamorfoseando a subjetividade, os anseios e os desejos da vida humana.

A sociedade contemporânea, analisada por BAUMAN (2003), é o espaço e o tempo onde a transitoriedade e o temporário são marcas muito presentes, afastando o sentido do perene ou da conservação. Forma-se uma linha tênue entre o que é e o que foi. Referências são postas em constantes desafios.

AS IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA E SEUS REFLEXOS NO COTIDIANO ESCOLAR

A instituição escolar, analisada através dessas perspectivas, apresenta-se modificada, as crenças, os hábitos são alterados sem terem o tempo de firmarem-se e de se solidificarem em novos costumes e em novos pensamentos.

É desse tempo e desse espaço que a escola recebe, em seu cotidiano, os meninos e as meninas que chegam extravasando as pulsões, os anseios, as expectativas. Podemos perguntar-nos se a violência a que se refere a mídia, principalmente, a violência à escola e que, no entendimento de (SCRIPTORI, 2008, p. 16) “a violência à escola é produzida por seus elementos, visando ao patrimônio escolar (vandalismo, depredação) ou às pessoas (agressões ou insultos entre alunos e professores)”, não são resultados desse abismo de culturas plurais entre a sociedade e a instituição escolar que, certamente, não falam mais a mesma linguagem.

São indagações que ora inquietam e que muitos pesquisadores/as da temática deixam-nos a reflexão: que podemos fazer? Parece-nos que a escola vive um momento de tensão, um cenário de conflitos e de atos violentos, “sabemos que, na medida em que a palavra se torna impossível, é bem provável que um ato violento se instaure”, (SCRIPTORI, 2008, p. 17).

É com essa assertiva que devemos reavaliar a trajetória da instituição escolar. Se não falamos a mesma linguagem, se não conseguimos dialogar e compreendermos os sujeitos da educação e seus efetivos papéis, o que estamos fazendo? O papel do educador/a parece confuso entre a busca, ou a retomada da sua autoridade.

Como assinala (SCRIPTORI 2008, p. 15), “trabalhar para que a escola seja um espaço cooperativo não é uma tarefa fácil”, e torna-se um processo de latente desafio. Não basta trazer



inovações de metodologias pedagógicas para o universo da sala de aula. É necessário compreendermos o que fazer com a linguagem e com os saberes que advêm da sociedade “fluida” e “escorregadia” referida por BAUMAN (2003).

As diferenças que emergem nas relações interpessoais, no cenário escolar, este muito mais abrangente que o universo da sala de aula, gera as tensões e os conflitos. A pluralidade traz a necessidade de acordos e do diálogo. Segundo (PACHECO, 2008, p. 138):

O conflito é um processo natural da sociedade e um fenômeno necessário para a vida humana, podendo ser um fator positivo para a mudança e o crescimento pessoal ou um fato negativo de destruição, dependendo da forma de regulá-lo. O conflito não é bom, nem mau, simplesmente existe. Nessa dimensão, não se pode confundir conflito com violência. Ambos estão relacionados entre si, mas, de forma alguma, podem ser considerados sinônimos. (PACHECO, 2001, p. 138).

A violência, que se instaura no cenário escolar divulgada pela mídia, traz um alerta para os sujeitos da educação. A escola localiza a culpa na família e esta faz o inverso, GARCIA (2008).

Não há, por parte da escola, um olhar sobre sua prática que revele estarem, também, em seu contexto, as relações de conflito e de agressividade. A instituição escola desloca a “culpa” pelas práticas agressivas e violentas entre os alunos/as e os professores/as, para a instituição família. Vemos, assim, uma disparidade, uma ausência de reconhecimento que efetivem o desejo de chamar para o diálogo outros espaços de socialização do sujeito.

Percebemos um vazio como refere XAVIER (2008), há um abismo entre a cultura escolar e a cultura fora dos seus limites institucionais, a escola e a família, ou escola/sociedade não estão falando do mesmo lugar.

Essa ausência de sintonia gera as tensões, o que traz o conflito. Nasce a impossibilidade de professores/as e alunos/as perceberem-se como pares. As relações interpessoais estão fragilizadas. Existe uma confusão entre a autoridade do professor/a e a disseminação de suas práticas autoritárias.

A autoridade do educador/a passa a ser entendida como estabelecimento de regras justas, com o cumprimento de regras acordadas entre alunos/as e professores/as. A ausência da autoridade do professor/a faz com que sejam instauradas relações de poder no espaço da sala de aula e se efetive o discurso autoritário entre educador/as e alunos/as. O discurso autoritário visto

como a imposição de regras arbitrárias, as quais têm que serem obedecidas, cumprem-se regras, mas não se as conhecem, SCRIPTORI (2008).

Dessa forma, temos um cenário que possibilita a proliferação de práticas conflituosas, sem acordos claros e sem o consenso. É interessante que pensemos a disciplina como uma necessidade vital, inerente ao relacionamento humano, a todos os agrupamentos humanos e que faz parte da condição humana, a disciplina e disciplinar-se é um processo que diferencia o humano do animal, CUNHA (2008).

Quando temos instauradas relações de violência no espaço escolar, chama-mos para o debate à compreensão do que, efetivamente, está ocorrendo no cotidiano das instituições escolares.

É relevante que pensemos que o conceito da violência, referindo-o a um termo complexo, vai além do entendimento da agressão física, e, aqui, querer-se-á dizer violência como,

(...) fenômeno complexo e, por esse motivo, abrangê-lo como um todo se torna uma tarefa difícil. Sua complexidade se deve, essencialmente, a quatro aspectos: à polissemia de seu conceito e aos problemas de sua definição; à controvérsia na delimitação do objeto da violência; a quantidade, variedade e interação de suas causas e, por fim, à falta de consenso sobre sua natureza” (PACHECO, 2008, p. 135).

Segundo a autora, a violência apresenta várias faces, muitas vezes, não se mostrando clara, dificultando sua análise. Podemos pensar a violência simbólica, por exemplo, como a prática “escondida” na sombra das palavras e das atitudes, escapando ao ato físico. Segundo (PACHECO, 2008, p. 135),

Pelo que se observa, raramente a violência simbólica é percebida no dia-a-dia escolar, embora, muitas vezes, ela pareça, a violência física é mais aparente. O temor, de certa forma, é maior em relação ao físico, ainda que se saiba que marcas profundas podem ser deixadas pela violência simbólica. Nesse sentido, constata-se que a violência sutil é aceita na escola como algo normal, e a tarefa de desvelá-la se faz cada vez mais necessária. (PACHECO, 2008, p. 135).

Segundo a pesquisadora e socióloga Carin Ruotti (2008), a escola ainda é representada sob uma perspectiva educacional autoritária, geradora de conflitos e da existência de uma evidente falta do diálogo. Percebemos, através da sua análise, que os alunos/as não são chamados à participação, o que implica cumprir regras sem um acordo pré-definido.



De tal forma vemos uma prática permeada por discursos autoritários que confirmam a ausência da liberdade – sendo essa possível somente quando ancorada através da participação. É necessário, segundo a perspectiva sociológica da temática, que sejam construídos espaços para que os alunos/as e os educadores/as passem a terem uma maior dialogicidade.

A disponibilidade para o diálogo deve ser iniciada no espaço da sala da aula e estar refletida em todas as ações pedagógicas que envolvam os sujeitos da educação. Já dizia (FREIRE, 2003, p. 135):

Nas minhas relações com os outros, que não fizeram necessariamente as mesmas opções que fiz no nível da política, da ética, da estética, da pedagogia, nem posso partir de que devo “conquistá-los”, não importa a que custo, nem tampouco temo que pretendam “conquistar-me”. É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na *minha disponibilidade* à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da *disponibilidade*. (FREIRE, 2003, p.135).

A capacidade de dialogar e chamar os sujeitos da educação, envolvidos nessas relações latentes de tensões e de conflitos precisa ser urgente revista pela escola e por todos/as que ela está implicada. A instituição escola precisa, a partir de seus sujeitos, redefinir os seus objetivos. Ora age com autoritarismo, ora negligencia sua autoridade.

Práticas nebulosas encobertam critérios mal formulados, levando-nos a pensar a escola dentro de sua cultura, a cada dia, afastando-se da sociedade. Veem-se os meninos e as meninas refugiando-se em outros ancoradouros.

É pertinente que os professores/as e os alunos/as reencontrem seus papéis. Constituir-se professor/a exige autoridade que assim façamo-la. É urgente recuperar nos nossos referenciais em educação. A escola e a família têm seus papéis a cumprir. Por que continuamos a procurar culpados pelos conflitos existentes entre ambas?

Há uma obscuridade nas relações, a sociedade e a escola vivem momentos conflituosos entre suas culturas. A sociedade, com sua pluralidade e com sua polissemia de saberes e a cultura da escola, com suas normas e suas práticas.

É pertinente que a escola com sua cultura própria aproximem-se da cultura fora de seus muros institucionais, ouvindo vozes diversificadas de seus sujeitos. A cultura escolar tem uma finalidade que lhe é peculiar e pode ser entendida como (JULIA, 2001, p.10):

Cultura escolar pode ser definida como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais, amplo, modos de pensar e de agir largamente difundido no interior de nossas sociedades, modos que concebem a aquisição de conhecimentos e habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (JULIA, 2001, p.10).

Dessa maneira, é relevante que a escola reavalie seu espaço e sua interação com o mundo cultural dos sujeitos que adentram em seu cotidiano. Como refere XAVIER (2008), a cada dia, os conflitos, a agressividade, a falta de limites e a ausência da autoridade dos professores/as reforçam o abismo dos espaços entre a sociedade e a escola.

Segundo XAVIER (2008), a escola não acompanha as mudanças que a sociedade traz, tornando-a sem sentido para seus alunos/as. As pesquisas, segundo a autora, mostram que, diferente de outras épocas, a escola para muitos/as não mais representa, na atualidade, a possibilidade da ascensão social e as perspectivas de mudanças.

O discurso de inclusão, elaborado pelas políticas públicas mal geridas, faz com que incorramos em uma série de equívocos. O que fazer com essa inclusão? Se mal compreendidas, muitas tensões e relações de violência se instauram a partir de uma readaptação da escola com os anseios dessas novas massas de meninos e de meninas, que chegam à escola e lá não sentem sentido e significado para permanecerem.

Difícilmente encontrar-se-ão práticas de violência em suas mais diferentes expressões, se a relação entre os professores/as e os alunos/as ocorreram através da participação e do diálogo. Para a efetivação de tal prática, é necessário que a escola reassuma seu papel de autoridade e abandone sua áurea punitiva e coercitiva.

Toda vez que um ato violento se instaura, o sujeito estava no silêncio, vemos, assim, a importância que a escola deve possibilitar à participação dos alunos/as para que estes exerçam a liberdade de manifestarem-se. Nesse sentido, lembra a autora, a transgressão faz-se necessária e é pertinente, porque permite a quebra de regras anacrônicas estabelecidas. (SCRIPTORI, 2008).



Inoportuno é a incivildade, ou seja, a falta da ordem que poderá gerar a agressão – ato que implica uma brutalidade física ou verbal. Dessa forma, a violência se efetiva seja pelo uso da força, do poder ou da dominação.

A imagem da escola hoje, no limiar da “modernidade líquida”, da nossa condição de vida contemporânea, está longe de representar um espaço de humanização entre os meninos e as meninas. É preciso repensar a formação dos educadores/as e inquietarmo-nos com tal vazio.

É na escola que aprendemos a nos constituirmos alunos/as, visto que a categoria aluno é inventada, não é natural, XAVIER (2008). A escola ensina comportamentos aos meninos e às meninas e, para realizar esse processo, atinge a subjetivação do sujeito. Subjetivação entendida, segundo FOUCAULT (1985), como um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito.

NOTAS PARA FINALIZAR

A escola ainda representa uma das possibilidades da construção humana, as relações interpessoais de seu cotidiano significam a formação dos valores, das linguagens e dos sentimentos. É preciso não perder de vista essa dimensão. Se, hoje, a mídia nos apresenta uma escola doente, agressiva e violenta, devemos ter consciência de que a escola é sinônima de seres humanos.

O que não podemos é perder a dimensão da humanização no contexto escolar, enquanto instituição socializadora, que deve possibilitar a meninos e a meninas constituírem-se humanos e descobrir o desafio da existência. Melhor do que prolixas emanações, através de um pequeno texto, quase um poema, poderemos pensar a escola como um *locus* possível para a formação e constituição da subjetivação humana. Para tal efetivação, é necessário que a escola seja um espaço de possibilidades de relações mais humanizadoras, de onde muitos/as pedem ajuda para constituírem-se humanos:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi



tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar! (GALEANO, 1991, p.15).

Deixar-se-ão essas reflexões para que pensemos nos movimentos possíveis e impossíveis de construirmos humanos e dar-nos a existir. Que a escola retome sua função humanizadora e ajude aos meninos e as meninas a olharem horizontes distantes... Que lhes sejam dados o sentidos da existência para que se instaure uma escola longe dos conflitos e das violências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CUNHA, Jorge Luiz da. Disciplina: Controvérsias na Escola. In: CUNHA, Jorge Luiz da, DANI, L. S. C. (Org.). **Escola, Conflitos e Violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008, p.247-257.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. São Paulo: L&PM, 1991.p.15.
- GARCIA, Joe de Assis. Indisciplina, Incivilidade e Cidadania na Escola. In: CUNHA, Jorge Luiz da, DANI, L. S. C. (Org.). **Escola, Conflitos e Violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008, p.61-74.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan.-jul./2001, p. 9-43. Campinas: SBHE
- PACHECO, Cláudia Regina Costa. Violência, Educação e Autoridade: Entre as Águas que Arrastam e as Margens que Aprisionam. In: CUNHA, Jorge Luiz da, DANI, L. S.C. (Org.). **Escola, Conflitos e Violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008, p. 133-149.
- RUOTTI, Carin. 86% das escolas de SP relatam violência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 nov. 2008.



SCRIPTORI, Carmem Campoy. Aspectos Pedagógicos e Práticas Escolares para o Desenvolvimento da Cooperação e da Autonomia. In: CUNHA, Jorge Luiz da, DANI, L. S. C. (Org.). **Escola, Conflitos e Violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008, p. 13-31.

XAVIER, Maria Luiza. Educação Básica. Resgatando Espaços de Humanização, Civilização, Aquisição e Produção de Cultura na Escola Contemporânea. In: CUNHA, Jorge Luiz da, DANI, L. S. C. (Org.). **Escola, Conflitos e Violências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008, p.75-94.

I SEMINÁRIO ESCOLA, CONFLITOS E VIOLÊNCIAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM. Santa Maria, 2008.